

# *a palavra serena*



***Carlos Rodrigues Brandão***  
*as palavras*  
***André Rodrigues Brandão***  
*as imagens*

## ***Escrito entre as Nuvens***



### ***As únicas coisas eternas são as nuvens.***

*Mario Quintana*

*Desde os “anos sessenta” até quase agora livros meus foram publicados por diferentes editoras.*

*Seis décadas em que eu vivi a ventura de ver os meus livros sendo publicados “em papel”. Agora os tempos são outros, e também os recursos de leitura.*

*Resolvi então que a maior parte dos meus escritos recentes, e alguns de anos passados, deverão ser “atirados entre as nuvens”. Assim, de uma forma livre e gratuita, quem os queira ver ou ler poderá ter acesso a eles.*

*Lembro o site: [www.apartilhadavida.com.br](http://www.apartilhadavida.com.br), onde boa parte do que escrevi ao longo da minha vida pode ser livre e solidariamente encontrado, acessado e compartilhado.*

*Você deu o meu nome a uma árvore?  
Isso não é pouca coisa.  
Eugênio Montale*

## ***Algo estranho, muito estranho***

Como imagino que acontece e aconteceu com outras pessoas, alguns livros meus de poesia começam com algo semelhante a uma breve “introdução”. Neste livro ela é indispensável. Pois servirá a narrar algo tão raro quanto extraordinário em minha vida.

Sempre fui uma pessoa errante. Sempre fui um viajante entre trilhas e mundos. E sempre me sonhei ora vivendo sozinho em um farol ou em uma ilha deserta, distantes de tudo, ou entre estradas, como um perene peregrino.

Como fui durante a vida quase toda um leitor de Júlio Verne, penso que há duas categorias essenciais de pessoas que escrevem. Uma a das que vivem “a volta ao mundo em oitenta dias”. Outras, as que percorrem “a volta do dia em oitenta mundos”. Acredito que eu seja alguém que talvez de uma forma serena e moderada viveu e segue vivendo um lado e o outro dessas duas faces da vida.

Em um livro de poesias anterior a este, ao qual dei este nome: *Livre, enfim*, chamo a atenção de quem me leia para o fato de que, como um velho costume, quase sempre escrevo os meus poemas entre viagens. Raros os poemas meus escritos em minha casa, em minha cidade. E por isso em vários deles, depois de escritos em sua página, escrevo também a indicação do lugar e, quando lembrei, também a data.

*A Palavra Serena* é um livro completamente diferente de todos os outros. Ele foi todo escrito aqui na minha casa, em uma rua de um bairro chamado Cambuí, na cidade de Campinas, entre os anos de 2020 e de 2021. “Preso ao lar”, devido às recomendações médicas universais, durante a pandemia que nos assola, desde março de 2020 eu vivo a raríssima e estranha experiência de viver-sem-sair-de-casa, a não ser para ir à farmácia e a padaria. E para dar pequenas caminhadas entre ruas quase desertas.

Foi então que comecei a viver as minhas “outras viagens”. Mais do que nunca, entre o quarto e o escritório, eu viajei e peregrinei entre livros, e peregrinei em meio a folhas de papel e a tela de um computador.

Como um costume que desejei viver sempre, e que se tornou bastante mais presente nos últimos anos, a cada manhã dedico as primeiras horas do dia à leitura de livros. Nunca um só. Pois como um velho costume, leio em sequência livros entre a filosofia-e-a-espiritualidade”, a antropologia e a literatura. Um livro de poesia encerra cada manhã dedicada à leitura. Alguns foram já lidos e relidos algumas vezes.

Então, em dois anos de uma estranha “vida caseira”, algo nunca vivido começou a acontecer comigo. Antes mesmo de abrir o primeiro livro e começar a ler, a cada manhã durante todos os dias de quase todas as páginas deste livro, um poema-me-amanhecia. Um poema – e sempre um

só – vinha a mim antes que eu o pensasse ou mesmo imaginasse escrevê-lo.

Um poema me-vinha, e eu uso agora esta expressão com um sentido bastante realista. Bem sabemos que poesia se escreve com palavras e não com ideias. E eu vivo esta experiência-da-poesia penso que desde a minha juventude. E acredito que compartilha isto com incontáveis pessoas que, como eu, sentem o poetar e escrevem poesia. Tanto que algumas vezes, depois de posto no papel um poema – sempre eu escrevo primeiro a mão e em uma folha de papel – eu costumava pensar: “este poema me veio visitar”

Mas não como aconteceu durante dias e dias seguidos como os poemas de *A Palavra Serena*. Eles me amanheciam sempre quando eu, já acordo, começava a sair da cama. E então eu tomava uma folha de papel, já deixada na mesa de cabeceira ao lado, e começava a escrevê-lo. Cada um dos poemas deste livro a cada manhã cedo se escrevia através de mim. E apenas depois, terminadas as minhas leituras, eu retomava a folha de papel e “retrabalhava” o meu poema-da-manhã antes de, mais tarde, passá-lo para a tela do computador em que escrevo “isto”, agora.

E chamo a atenção para o fato de que até agora nunca consegui acreditar em “mensagens psicografadas”. E sei também, até mesmo por experiência própria, que a poesia não costuma gostar de ser escrita de manhã. Acredito, com Gaston Bachelard, poetas que li e leio, e pessoas amigas que são também poetas, que a poesia ama horas que vão do entardecer até a alta-noite.

Assim foi. E este livro foi escrito quase todo em minha casa e longe de qualquer viagem. Silenciosas, suaves, serenas as palavras me vinham.

Por isso a este livro sem datas e sem distantes lugares ao final de cada poema, dei este nome: *A Palavra Serena*.

*A Palavra Serena* é um livro de poemas-e-imagens, mais do que apenas um livro “com imagens”.

Meus escritos a cada dez páginas dialogam com imagens a cores. São fotografias de André Brandão. André, meu filho, é um dos mais inesperados, imprevisíveis e criativos fotógrafos que eu conheço. Ele não “fotografa o que está aí”, como acontece com quase todas as fotografias que os meios eletrônicos tornaram tão fáceis de “circularem”. Ele cria como uma rara imagem o que ele vê, e fotografa.

E esta rara vocação foi o que me levou a criar um livro em que as imagens devem ser “lidas” como uma poesia que se vê. E elas são dez imagens e as dez são uma. Afinal...

*O número que vem depois do infinito é o 1...*

*Melito – Helena, de Isócrates*

***Sete horas****antes*

Sonho com nada.  
Sonho com o Universo.  
Cabemos os três  
nas linhas deste verso.

***Sete horas****depois*

Como um velho que com o frio se cobre  
com um lençol de escuros e de estrelas.  
Como um farol de que a nuvem cobre a luz  
cai a noite como um quarto de segredos  
onde livros nunca lidos se amarelam  
e um velho vem rever os seus brinquedos.

Sem a Lua é Vênus quem clareia  
o céu de maio com sua suave luz serena.  
Sonho com nada e sonho com o Universo  
que cabe inteiro entre as linhas deste verso.

***Sete horas***  
*agora*

Como um velho que com o frio se cobre  
com um lençol de escuros e de estrelas.  
Como o farol de que a nuvem esconde a luz  
ou como o velho barco esquecido e encalhado  
num banco de areia atrás de um porto.

Como a frase que acabada pede um ponto  
e como a moça que chora e se aquieta e adormece  
esquecida de lembrar o que ela esquece.  
Como a flor azul entre as mãos de um morto  
que, morto, viaja ao seu encontro,  
assim cai a noite como um quarto de segredos  
onde livros nunca lidos se amarelam  
onde como o mel escorre doce o tempo  
e um outro velho vem rever os seus brinquedos,  
e cala e escuta o som de um deus na voz do vento.

Sem a Lua é a estrela Vênus quem clareia  
o céu de maio com a sua suave luz serena.  
E o céu é um mar e o mar é um arvoredo.  
Sonho com nada e sonho com o Universo  
e com a lembrança do que me faz voar  
e a mais a memória do que me causa pena.  
Eu sonho a Lua, Vênus, o Sol, e sonho o Cosmos  
que cabe inteiro entre as linhas deste verso.

***Pólen****antes*

A palavra “pólen” me amanhece.  
Sonhei com ela à noite  
e, acordado, é a palavra “pólen”  
quem me veste.

***Pólen****depois*

A palavra “pólen” me amanhece.  
Sonhei com ela e, acordado,  
ela me sonha e eu sou o seu som.  
A palavra “pólen” me acontece,  
e não a coisa, o mel, a abelha  
o pó, o além, o que semelha  
o grão do ouro. Nada: o som apenas.  
O que me ressoa quando escrevo: “pólen”,  
e o que então há de mim que esteja além?  
Sonhei uma palavra, e passageiro  
sei que um dia eu me irei embora  
e ela, “pólen”, eterna permaneça viva  
como um som sagrado: um “tao”, um “on”.  
Um mantra que uma vez sonhado e dito  
ressoa como o que dissesse um deus  
enquanto de novo cria um universo, agora.



***A palavra serena***  
*antes*

Serena ela me vem, e amiga  
murmura rimas: “pena”, “amena”  
e o ser de segredo me convida  
a apenas ser, sem mais, sereno  
como agora é cinza o que foi fogo.  
Como é agora brisa o que foi vento

***A palavra serena***  
*depois*

Velho, mas ainda sem bengala,  
eu, caminheiro entre trilhas e montanhas  
não sou como Drummond, mineiro.  
Não luto com a tribo das palavras  
nem busco decifrar o seu segredo.  
O seu rumor me basta, e em seu silêncio  
acendo um brando fogo na lareira.  
Abro a porta da casa de que eu sou  
e espero o pôr-do-sol, a quietude  
de quando já é a noite e é o dia ainda.  
A hora “entre”, o voo da avezinha  
que voa e volta ao ninho onde se aninha.  
Como um pastor acolho o meu rebanho  
de letras, fonemas, sons e esquecimentos  
e entre palavras imagino que adormeço.  
A palavra serena, a que diz “flor”, ou “fada”  
é de um jardim onde semeio e me floresço.  
Como as que dizem “alma”, “aura”, “aurora”.  
e esta palavra que me vem: “amor”.  
E é agora a madrugada.

***Luz!***  
*Antes*

Há na palavra “luz” um certo fogo  
uma faísca de uma só pequena sílaba.  
Um sol só dela, o riscar de um fósforo  
em menos de um “ah”, ou de um segundo  
como se a cada manhã de março  
ela acordasse um deus  
e acendesse um mundo.



**Luz!**  
*depois*

Há na palavra “luz” um certo fogo.  
A faísca de uma só pequena sílaba.  
Um sol só dela, o riscar de um fósforo  
em menos de um “ah”, ou de um segundo.  
Há em sua luz a demora de um instante  
como se a cada manhã entre agora e o outono  
ela acordasse um deus e acendesse um mundo  
com a chama que clareia as páginas da letra “ele”  
no emaranhado em que floresce um dicionário  
que com o “la” começa, e com “luz” se finda.

A palavra “luz”, como um farol no alto mar  
será quando vem a noite e ela é a estrela  
com que as do céu vem saber como se brilha.  
Quando deus disse: “a luz se faça”, e ela se fez  
e brilhou sobre putas e pastores, e se reluz ainda  
sobre a face de deuses e a dos homens,  
a dos anjos, e a da alma que há nas aves  
e sobre a pedra, a planta, a prece e a poesia.  
E luz sobre quem primeiro acendeu o fogo  
e disse a Deus: “agora vai, descansa em paz  
que a luz eu crio, artesão do oitavo dia”.

## *Alma*

Alma se diz num sopro  
em duas vezes, e a alma há.  
Há na palavra “alma” uma alma?  
Algo além do corpo de si-mesma?  
Algo etéreo como “água”, como “aura?”  
Haverá um ser escrito além da letra?  
Uma face da “alma” sem o corpo,  
e pra lá do som, do haver da letra,  
etérea, eterna, serena como o ar  
no ser que sobrevive e silencia  
depois que alguém diz: “alma”,  
e cala e adormece do que cria.

Algo de si há? O chão da alma  
como um fogo aceso sem fogueira  
como a mulher que espera ainda,  
e vestida de fada, e feiticeira  
ao navio que vai acena a alguém  
com o lenço e a alma desde o porto.

## ***Estrelas***

Estrelas são o que eu chamo “estrela”  
quando com o dedo aponto e digo: “veja!”  
São o que na noite escura me clareia  
e com o olhar nomeio, e ao vê-las  
elas são o que eu escrevo: “estrelas”.

Um dia alguém deu a elas nomes  
e um outro traçou os seus desenhos  
e pensou que elas regem quem nós somos,  
herdeiros de estrelas e de sua poeira.  
Prefiro vê-las como a luz de alguma vela  
na sala do sem-fim de um céu em festa.  
Saber que uma é “Sirius” e outra, “Capela”.  
E quando ditas, estrelas são afetos.  
São o som da palavra. São palavras.  
E cada uma é o ser do nome dela.

**S**

As palavras em “esse”, suspeitá-las:  
o silêncio, o só, a solidão.  
O solilóquio, o silogismo, a nota “si”  
e o sentimento de ser como a semente,  
a sentença, o sentente e o senão.  
O sortilégio e o segredo de saber  
que na alma a própria sorte sofre  
o sentir que se ela salva alguém  
e sobre ele sopra o ar de sua seiva  
e com água sacia a sua alma e a sede,  
sempre há um outro sozinho, só e sem.

***Essa manhã...***

Me veio esta manhã de março  
como saída de um livro de crianças.  
O sol é um bruxo, é um feiticeiro  
e há uma velha com este nome: “esperança”.  
Ela há cem anos semeia em seu pomar:  
palavras, poemas, pecados, pensamentos,  
romãs, pitangas, amoras, macieiras.  
Ainda é verão e logo será outono.

Abri a janela e pela sala entraram  
anões de circo, bailarinas, saltimbancos  
palhaços e astronautas, equilibristas  
professoras de pintura e arquitetos  
artesãos do barro e especialistas  
em travessuras, sonhos e projetos.

Uma princesa dormida há mil janeiros  
de repente acorda de seu sono  
e sem um príncipe, sonha um marinheiro  
como Simbad, o Marujo, e Peter Pan  
que com ele navega, e entre mil ilhas  
procura Alice, e o seu país de maravilhas.

## ***Sirius***

Dizem, Sirius, que és imensa, infinda  
e em ti cabe a Terra milhões e mais de vezes  
como em um campo onde semeiam o trigo  
porções de grãos ainda cabem, e mais ainda.  
Mas nesta noite, aqui, no Sul de Minas  
eu, poeira de estrelas e um grão de areia  
te vejo, e aponto o dedo e a um outro digo:  
“É Sirius, e ali Antares, e lá, Capela”.  
E ali clareia o céu do outro o teu luzeiro  
e te vejo menor que a luz da vela.

Sirius, me demoro te olhando, rosto amigo  
e sei que entre um homem na Terra e uma Estrela  
cabe mais do que o que não pode ser medido.  
Cabe o afeto entre um homem e a luz da noite.  
Cabe o enlace de que é criado o Universo.



**Dezoito horas***Rubem Alves*

O que me contas do crepúsculo, amigo?  
Serena hora de sinos e de ninhos.  
Ramallete de flores de seis cores,  
o silêncio depois do pio dos pássaros  
e o vento que adormece e agora é brisa.  
A casa quieta no fim de qual caminho?  
A taça de vinho, o livro, a sopa quente.  
A sonata de Bach pra violino.

A hora de vestir lãs e flanelas  
e sonhar uma lareira, e de repente  
pensar em deus sem pressa e até sem fé,  
a que guardas para magos e meninos  
entre Fernando Pessoa e Adélia Prado  
que de longe te acenam na janela.

O sol se foi, e escura veio a noite.  
Que ela te vista como quem se apronta  
para uma outra viagem, como tantas.  
Quando for a hora em que te fores  
que seja como agora, ao pôr-do-sol  
e relembres da vida o que foi sonho  
e recordes o que a alma não esquece.  
Que em paz se faça escuro e seja bom  
como quando em silêncio a ave que amas  
pousa no galho, cerra os olhos e adormece.

## ***Ipê***

O Ipê florido lembra agosto.  
Lembra o inverno, os altos ermos ele lembra,  
e lembra de novo Rubem Alves,  
um certo lugar em Águas da Prata  
e o cerrado em mês de seca lá em Goiás  
onde o Sol vem pedir ao Ipê a sua cor.  
O Pequi dá a flor e depois o fruto.  
O Ipê não, e se abre em flores  
que por uma tarde são lilases, roxas,  
verdes, brancas e amarelas, veja!  
E como caem dele as flores a todo instante  
lembra o Ipê que a vida toda, inteira  
é tudo o que existe: você, a água, a vida,  
para que uma só flor de Ipê se abra e seja.

## ***Já, sempre***

Me veio o eterno  
como a gota d'água  
a palavra "já"  
o orgasmo, a prece  
a letra após o "z"  
a nuvem, o vento,  
e o número 1  
depois do infinito.

Tudo o que passa  
e sendo efêmero  
foi eterno, e ainda é  
enquanto foi o instante  
que existe dentro  
de um momento.

## ***Outono***

Como não saudar a tua mansa vinda  
nesta manhã de março, dia vinte?  
Como não te abrir a porta e dizer: entra.  
E como não colher sem pressa sobre a terra  
uma primeira folha caída, cor de terra?  
Alguns pássaros do Sul chegaram ontem  
e há um ar de Itália entre os pinheiros.  
Um desejo de lãs me vem agora  
e as tuas tardes são quadros de Van Gogh.  
Serenos chegas e ao sol ordenas calma  
e de folhas forras a floresta antiga  
onde deuses e macacos bailam nus  
e as chuvas de janeiro vão embora.

É dentro de mim que vens, outono,  
como um peregrino, só, sozinho,  
e meu corpo cobres com um nevoeiro.  
E eu te acolho, outono, como um velho amigo  
que de longe chega entre brisas e aconchegos.  
Entra, outono, digo, sê bem-vindo!  
Tira o casaco, senta, descansa. Vens de longe.  
E se tens histórias, conta. E bebe o vinho!

## ***O mundo, a esquina***

Eu andei mil trilhas  
atravessei desertos  
escalei montanhas  
e desci nas ondas  
como quem caminha  
no quintal da esquina.

Eu fui peregrino  
a seis cidades santas.  
No bolso carrego  
sete mapas-múndi  
e um meu relógio  
é um astrolábio antigo  
Vagar pelo mundo  
foi a minha sina:  
peregrino, andejo  
errante e vagabundo.

Até quando uma menina  
pálida, franzina  
chegou, de repente  
e me tomou a mão  
e me sentou na grama  
e me disse assim:

“Viajaste muito  
mas não como eu  
que vareei mil mundos  
sem dobrar a esquina  
e sem sair de casa.  
E da minha varanda  
Eu descobri um dia  
Que o universo  
cabe todo, inteiro  
entre os meus sonhos  
e o meu jardim”.

## ***Copacabana***

Havia numa esquina um poste  
que a mais nada servia, eu imagino,  
e o nome da rua era Inhangá.  
Mais longe havia, em outros cantos  
uma montanha mínima, uma agulha de pedra,  
um pilar escondido entre matas e capinzais

Sentado em um muro em minha rua  
que um outro monte subia devagar  
ao longe, eu via à noite, em alto mar  
um farol brilhar luzes de duas cores.  
Havia uma escadaria, havia outra,  
e a minha rua e o mundo se findavam  
entre uma pedra e folhas de capim navalha.

Havia precipícios pedras e arvoredos  
que em junho trocavam o verde pelo havana  
quando menos pássaros piavam ao entardecer.  
Havia um menino magro, de olhos claros  
os cabelos de um dourado quase branco.  
E eu, amigo de mares, matos e montanhas.  
Havia um tempo, passou e agora sobram  
essas memórias, imagens, esse espanto  
e este poema a ti, Copacabana.

## *Luzes*

De repente alguém risca um fósforo  
e como Prometeu, rouba do acaso  
o fogo, o lampejo de uma vela  
e com ela acende a luz da noite  
e no ar distante, a das estrelas.  
Como nas mãos de um monge o seu rosário  
que entre as contas clareia cada conta  
enquanto a um deus murmura a sua prece,  
a luz de uma vela acende as outras  
e o que chamamos sol é a luz de cada vela.  
E em cada uma delas cabe a luz de todas elas.



**2021**

É certo, a dor tão coletiva é também tua  
e não sonhas com o mundo, mas com a esquina.  
E contas em quantos peitos o ar ausente  
quase não areja um corpo como a pequena brisa  
que ainda ontem movia a vida e o teu jardim.  
Sabes que na casa ao lado a mulher velha  
deixa cair no chão o terço, e num alento  
chama por um filho, um copo d'água, ou um deus.  
E ela parte, e no tanque deixa molhada a roupa  
e agora morre, e se vai preocupada com a cozinha  
e com a novela de que não vai saber o fim.

Vivo, te proteges do outro, do amigo  
por quem agora passas, e apressado  
sorris; e a máscara esconde o teu sorriso.  
Saístes de casa, suprema aventura de menino  
e agora tens pressa de voltar a tempo ao lar  
de onde se foram as pombas e os sobrinhos.

E sozinho te lavas com álcool e com temores  
e lembras quando houve um tempo, quando?  
Abraçavas o vizinho, e ao lado da mulher nua  
como tu, na noite e na cama bebias vinho  
e depois do amor contavas estórias da infância  
quando sem sair para longe do quintal lá fora  
eram teus todos os mares e as montanhas.

Os mortos são muitos e não são números,  
são nomes, e vives, enquanto esperas pelo almoço  
e pelo que já não sabes se é a vida ainda  
ou se ao longe é o barco que te levará embora.

### ***O azul e o azul***

Do alto da montanha até onde eu ia  
ora subindo a passos como um peregrino,  
ora entre amigos e cordas, sobre o abismo  
não era o etéreo céu infinito o que eu via  
como quem diz: “o mundo acaba aqui”  
e o seu azul sobre nós, demasiado.

No chão duro da rocha que eu pisava  
gostava de ver pequenas plantas  
que entre as gretas da pedra floresciam.  
Algumas abriam flores cor do céu, azuis.  
E o céu com que eu sonhava estava ali.

### ***O vento, a onda***

Durante eras que são milênios cada uma  
A onda do mar espera a visita do vento.  
E o vento que é todos e é um só  
ao lhe roçar com a sua mão de artista  
risca na pedra, como um pincel de seda  
um traço efêmero, um nada e, entanto,  
eterno traço que ao tempo a mão vento risca.

Quando na areia a onda quase se termina  
e não é mais do que um traço de água e espuma  
ela desenha na praia uma suave linha  
que logo a água de uma outra onda apaga.  
No olhar, entanto, de quem viu acaso  
a pintura breve da onda desenhista,  
o traço sobre a areia é um quadro  
que ele de repente leva embora  
e dependura na parede da memória.



### ***Do alto, na janela***

Quando em um carro pela rodovia  
ou quando na janela 13-A de um avião  
voando rumos de Goiás ou Minas  
nunca foram as paisagens suntuosas  
que os homens depressa fotografam  
antes que se esfumem e se esqueçam  
ou que elas se apaguem entre as nuvens  
as que atraem o meu travesso olhar.

Não é o traço entre azul e Havana dos rios:  
o Grande, o Paranaíba, o São Francisco,  
ou a súbita montanha alta, altiva, inesperada  
que recorda a juventude em minha terra  
e a quem eu devo gestos de devoto.  
Não é sequer o mar, o mar imenso  
e os meus assombros de menino entre as ondas  
o que do alto eu busco ver, atento  
como quem subiu ao chão do céu  
e busca na terra um sinal da vida eterna.

Mais do que tudo eu olho estradas.  
As mais mínimas, pequeninas, sinuosas  
estradinhas mineiras, sem um nome.  
Mal-traçados traços de terra em “chão batido”,  
riscos como se desenhados ao acaso  
por uma criança com pressa e giz-de-cera.

O que aos outros é menos que invisível  
a mim me toca como a mão de um anjo.  
Rumos por onde passam bois e o vento  
e adiante um vaqueiro sonolento  
e um menino seguido de um cachorro.  
Mínimos sinais lavrados a enxada e picareta.  
Uma ponte salta um rio, e o rio esquece.

Rabiscos na pele arisca do Cerrado  
 que a mim evocam o meu destino errante  
 de em qualquer lugar em que eu esteja  
 entre elas estar, e ir-me de novo embora  
 vestido de mochila, bota e blusa caqui.  
 E como um peregrino que descobre  
 depois de trinta dias até Santiago  
 que o lugar santo não existe “ali”  
 numa gruta onde uma estrada acaba  
 na casa onde se crê que existe um santo  
 ou na igreja onde se vela um Cristo morto.  
 Está numa estrada que outra vez começa  
 como se deus fosse um navio de vela hasteada  
 e pronto a deixar de novo um novo porto.

### ***Algumas histórias, estórias***

*Severino Antônio, professor, poeta, amigo*

Histórias, estórias, contos, causos  
 entre a memória e o esquecimento.  
 O que se conta ao redor do fogo aceso:  
 pedaços do que foram encantamentos  
 e agora dormem, quase silenciados  
 como a vela acesa, e adiante apagada,  
 e que de novo se acende de repente.

Como o que se carrega vida afora  
 e pesa, e é pesado, e não tem peso.  
 Fragmentos de vidas de entre-gentes  
 de hoje e do que se chama “outrora”.  
 E renascem como contos, casos, poesia  
 com que acordam velhos, bichos, flores  
 anjos e casarões de um tempo antes  
 quando o que ele se conta, então havia.  
 Na folha de um papel nasce um menino  
 toda a vez que escreve Severino.

## *Altamira*

Que mãos toscas demais  
para serem as de um artista  
sujas de suor, terra e saliva  
de seres do chão e de orvalhos  
terão misturado em uma gamela escura  
de um tosco barro e das mãos da mulher  
que te deu à noite o corpo e agora dorme  
uma espessa tinta vermelha escura  
que talvez misturasse com água  
um pouco de sangue e a bosta de uma ave?

Na mão esquerda, que primitiva vela  
tornaria penumbra o que era o escuro  
deixado ali, como em uma noite eterna  
em uma caverna em Altamira, na Espanha,  
onde tuas mãos que Pablo Picasso inveja  
deixaram gravado pelo fio dos tempos  
o que imaginavas não sei se a magia  
que antecipa a caça de amanhã  
ou se o desejo de gravar na pedra  
o que depois homens como eu  
vindos de longe, milênios mais tarde  
chamaram arte? Chamaram arte!

## ***Flores, florestas***

Alguns recordam flores:  
suaves rosas, breves açucenas  
o misterioso floreio das orquídeas  
a cor azul que emprestam borboletas  
a algumas flores de vasos e jardins  
e o ramalhete de cores com que pendem  
sonolentas sete-léguas do telhado da varanda,  
e Rubem Alves, de novo e sempre  
escrevendo sobre as ninfeias de Monet.

Eu lembro florestas, o território do verde  
sem as flores, fora algumas, raras, passageiras  
no caminho por onde nossos passos passam  
de homens sem rumo, rumo a que?  
E eles eram como o africano toque de tambores  
que ameaça ao silêncio o pio dos pássaros.

Varei florestas, dormi nelas altas noites.  
Percorri seus rumos entre toscas trilhas,  
finos traços que os bichos ignoram  
e do alto nos olham com a piedade  
dos que sabem do alto de seus galhos  
que por ela passamos como quem procura  
o que está ali, entanto invisível aos olhos  
de quem vaga pela trilha de passagem.  
De quem pela floresta apenas vaga e passa  
E dela sai, e some, e vai embora.

## ***Vida***

O quem és de quem eu sou, vida  
que me vens como quando a lua nasce?  
Sopro que em mim habitas de passagem  
como estás na mariposa e no alecrim.  
Como a visita de um vento, vida, chegas  
e me semeias, e me tocas, e te vais.

O pousar do eterno, entanto efêmero  
qual o voo de um pássaro pequenino  
entre um galho e outro da floresta  
que nos cobre agora, enquanto vamos  
por um mesmo caminho e por um outro  
quando o de quem somos se bifurca  
e te vais pela trilha que te sobra  
e eu vou pelo tempo que me resta.

Me tocas, vida, sei e sinto. E tu me és.  
E enquanto em mim viajas, lenta  
te vais, vida, por onde enfim me levas  
e me dás a mão e vamos... para onde?  
Tu, vida, a minha estrada e o meu caminho.  
E eu que em ti viajo, um peregrino.

***Margarete Mee***

Me conta de teus rios, de igarapés,  
de temporais, orquídeas e arco-íris  
quando ao navegar os rios da Amazônia  
dentro de ti, em tuas águas-da-alma escondias  
a flor que uma vez ao ano a sua aura abria.  
Uma noite única entre todas, e sob rara lua  
que aos teus olhos se abre uma só vez, e se apaga.  
Com as cores da aquarela de quem és, entretecias  
o fino traçado de cada tom de uma flor-da-noite.  
E eras tu mesma, Margarete, essa flor única.  
E quando a ti como em um quadro ela se abriu  
era em ti mesma que a noite anoitecia,  
e eras tu, que renascida, florescia.



**Pó**

Escrito, o poema esquece do poeta.  
E se parece preso ao livro impresso  
em letras pretas traçado, entretecido  
o poema é na verdade um argonauta  
um pássaro, um passageiro, um peregrino.  
Um navegante de um mar que não existe  
e na manhã abre as asas, livre e fugitivo,  
e voa a um lugar onde as palavras ditas  
se reescrevem, livres do dizer do poeta.

Um dia o poeta morre, e cremado vai vestido  
de um véu de seda, poeira e cinza fria  
que mãos de amigos sopram ao vento.  
E além dos livros, leves elas se encontram:  
a aura da alma do poeta e a das palavras  
alfabetos de escritos sem a tinta,  
abecedários agora livres. Livres  
do peso do corpo vestido de camisa  
da palavra que a mão de alguém imprime,  
e do existir na matéria do papel, escrito.  
Um ser etéreo como o som sem fala.  
E isso é o céu. E é o paraíso.

## ***O vento, o pão***

O vento de outono bate à porta.  
Viajante, ele não anda, voa e voa  
e vem do Sul, de onde as aves fogem.  
Os pinheiros, sentinelas, seguem verdes  
e os ipês perdem folhas, ganham flores  
e é agora deles a cor do sol de maio.

Um desejo de lã acorda os corpos  
e lavar cedo o rosto é penitência.  
Desejo é sobre a mesa a sopa quente  
e um fogo aceso com ares de verão.  
Quem semeou colheu, e o trigo na tulha  
adormece como em tempos de Abraão.

O mundo é mau? Pergunta a Deus  
o velho pobre que chegou à tua casa e fala,  
e espera o dom da sobra do que comes.  
Faz frio lá fora, e já que a porta abres  
pensando no vizinho, ou no carteiro  
sonolento olhas quem te olha e estende a mão.  
É um velho feio e rabugento. E está aí.  
Comerás com ele a metade de teu pão?



### ***A estrela, a areia***

Olhavas à noite a noite escura  
e o claro das estrelas te ofuscava.  
Eram muitas e quantas apontavas  
com os olhos, com os dedos, com a alma?  
Menino antigo catavas no chão a areia  
e entre Alfa de Centauro e um grão de pó  
então pensavas: “pulsa o mesmo infinito,  
e o universo inteiro em tudo está e nada há  
que não seja a mão de Deus ou do Destino”.  
Isso pensavas agora, e assim pensavas  
quando em uma outra noite eras um menino.

### ***Paul Gauguin***

Bebia vinho e pintava quadros.  
Viajou da França ao Taiti.  
Amou mulheres de corpos cor da terra,  
pintou os seus rostos como deusas  
e escreveu: “sou um selvagem!”

Buscou na selva a seiva do segredo  
e no corpo nu mais que a beleza,  
o sutil sinal do eterno, a natureza.  
E na vida que pintou, uma mensagem  
que em Paris não há, nem na ciência.  
As perguntas que fazemos ele pintou:  
“Quem somos?” “De onde viemos?”  
“Para onde vamos?”. Existe um “onde?”

Morreu sozinho e em outros mares viajou.  
E eu me pergunto: para onde ele foi,  
as respostas do quadro ele encontrou?

## ***Van Gogh***

Estrelada de clara  
salta da tela, o céu clareia  
e o rosto da noite  
pinta de um azul raro.  
E brilham de dourado  
todas as estrelas  
de teu quadro claro.

Brilham como festa  
de duendes, fadas  
deuses, feiticeiras  
e moças que fogem  
para bailar à noite,  
uma noite louca de faceira  
em que restasse no escuro  
apenas a copa de um pinheiro.

E luzem como um dia  
de festa as estrelas  
em que a tua noite  
luminosa, iluminada,  
ali coubesse, inteira  
e acendesse a luz  
de um sol de tinta  
com que a escuridão  
fria e congelada  
de uma noite holandesa  
um céu de sonho pinta.

Pincelada de ouro  
e amarelecida  
que essa noite-quadro  
alumie o mundo  
com a luz da lua cheia  
cada pé de trigo  
cada sonho de menino  
o vestido da noiva  
cada ser da vida  
cada som do mundo  
e cada grão de areia.

## ***O vírus, a vida***

Um vírus novo nos habita, e ele é vida  
e, como nós, deseja ser eterno  
e em nosso corpo semeia a sua herança.  
Estranhos tempos, indesejados dias.  
As ruas desertas, e do alto dos pinheiros  
as aves espiam e se perguntam:  
“e elas as pessoas, para onde foram  
entre praças sem cachorros e crianças?”

Nos bares o vinho de ontem envelhece  
enquanto em casa moramos, como em celas.  
Entre amigos o abraço proibido  
e o beijo entre amantes, condenado.  
Sofrem sem aulas velhas professoras  
e as prostitutas fogem das esquinas.  
Há em tudo um ar de mundo antigo,  
portas fechadas como se a Idade Média  
de novo fosse agora, entre castelos,  
cabalas, cuidados, tarôs, rezas e sinas.

Mas não, somos modernos, e internautas  
nos amamos de longe, entre telas.  
O ar que é tanto e é livre e democrático,  
e existe na mansão e no barraco  
falta no peito da mulher que morre  
e sonha com anjos azuis e o paraíso.

A palavra “vírus” viaja e viraliza  
e na tela da TV seu corpo é quase como  
um divertido brinquedo de criança.  
Um ser invisível e o mais livre viajante  
que os nossos corpos ameaça mais que um tigre.  
Cobrimos meio rosto com três máscaras  
e as moças são agora todas muçulmanas.

Escondidos esperamos quem nos salve.  
E a vida, a casa amada em que vivemos  
nos acolhe ainda e vela, e nos pergunta:  
“O que fizeram do mundo em que vivemos?”  
“E o que fazem de mim, que os amo tanto?”

***Ladainha de Murilo Mendes***

*Um dia seremos visíveis.  
Murilo Mendes*

Pela nuvem que passa  
seremos visíveis.  
Pela gota que seca  
seremos visíveis.  
Por Mahatma Gandhi  
Seremos visíveis.  
Pela estrela de Antares  
seremos visíveis.  
Pela sombra da árvore  
seremos visíveis.  
Por um pintassilgo  
seremos visíveis.  
Pelo Planeta Marte  
seremos visíveis.  
Pelo olhar dos deuses  
seremos visíveis.  
Por crianças na areia  
seremos visíveis.  
Pelo número zero  
seremos visíveis.  
Pelo leite da mãe  
seremos visíveis.  
Pelo sim, pelo nada  
seremos visíveis.  
Pelos povos do Norte  
seremos visíveis.  
Pela Flor de Maio  
seremos visíveis.  
Pelo Monte Everest  
seremos visíveis.  
Pela sombra do inverno  
seremos visíveis.

Pelos olhos de um cego  
seremos visíveis.  
Pela vidente muda  
seremos visíveis.  
Pelas cartas de Paulo  
seremos visíveis.  
Pela prece de Buda  
seremos visíveis.  
Pela fome de um pobre  
seremos visíveis.  
Pela pele de um negro  
seremos visíveis.  
Pela hora sem sombra  
seremos visíveis.  
Pelo dia sem vento  
seremos visíveis.  
Pela cor da azaleia  
seremos visíveis.  
Pelas águas de março  
seremos visíveis.  
Pelo justo que clama  
seremos visíveis.  
Pela mão que procura  
seremos visíveis.  
Pelo rosto esquecido  
Seremos visíveis.

Só diante do espelho  
não seremos visíveis.

**“O passo de partir-me”**

*Quando os rios do amor se atravessarem  
E me impedir o passo de partir-me  
Luís de Camões*

Os rios não haja que te levem longe  
da terra que é tua e nela bebes água  
que da boca escorre e cai na terra.  
Que não haja ponte ao outro lado  
nem lugar algum além daquele monte.  
Que seques com o lenço a gota errante  
do suor que é teu enquanto colhes  
o maço da couve que plantastes  
com as duas mãos que agora tremem,  
pois foram muitos os anos de tua eira.

Que uma mesma palavra repetida  
como um aboio ao boi ou como a prece  
te baste a cada dia, como o sol agora.  
Que não fujas da chuva temporã  
e ao vento abras os braços, como a vela  
do barco em que nunca navegastes.

Que a cinza do fogo que acendestes  
quando no céu só três estrelas havia  
te seja leve quando vás embora  
não do pomar, mas da vida toda, inteira.  
E que te vás, como quem, viajando  
a cada passo canta e cala o canto  
e espera do silêncio o que nos livros  
pensavas que aprendias, doce engano,  
e agora que te vais te é revelado.

Acabada e leitura, fecha o livro.  
Olha o relógio parado às seis-e-meia  
e sem pensar no que há do outro lado  
aprende agora o passo de partir-se.

## ***A palavra “bruma”***

*Diáfana como um véu a folha cai*  
*Eugenio Montale*

Na Galícia a palavra “bruma” é dita “brêtema”.  
 E serena essa palavra me vem agora,  
 como um sussurro, um sim ou um sopro.  
 Ela chega quando, menos do que brisa e o vento,  
 vem a aragem de maio no homem que ara o campo.  
 e mal abre os lábios para entoar um canto  
 enquanto sulca a terra a lentos passos  
 e espera pela noite, mesa posta e a vela acesa.

Serena a palavra vem, como o “amem”,  
 quando é com os dedos da mão que diz a prece  
 o velho monge que as frases da oração esquece.  
 Como a palavra “amor” que a mãe não diz  
 enquanto pela casa ensaia o amor em cada gesto.  
 Serena como no fim da prece, vestida de preto  
 a mulher murmura “amem”, que um deus escute.  
 Serena, quando leve como um véu a folha cai”.

Como o sono da criança e o “Om” da Índia  
 a palavra chega de longe e bate à porta do poema,  
 como quem chega de viagem, e não de longe  
 mas de um lugar fundo, um mar, um poço  
 lá onde sob as águas fundas de memória  
 adormecem os fonemas e as palavras  
 à espera que alguém sussurre e diga:  
 “eu vim de lá e cheguei. Agora vamos...”

***João Guimarães Rosa***

Queria soletrar o só das coisas.  
A solidão do que ainda não existe  
e espera uma palavra, um balbucio,  
um som, um fonema fora do silêncio.  
Sonhava dar nomes ao que não havia  
com letras de algum outro abecedário:  
sertão, sarapalha, vereda, boi bravo, buriti  
e os mil-e-um seres e coisas do cerrado:  
a chuva de setembro, a nuvem errante  
o entre-flores sem letra e “o gerais” sem-fim.

Tudo o que existe sem palavra ainda  
ou com o nome gasto à espera do concerto  
que rediga às avessas o que ele era  
e o reescreva em um doido dicionário  
onde o que mal se vê é o que se escreve:  
o brinquedo do menino, o berrar do boi  
o cantar do aboio e o do riachinho,  
a velha que acende a vela e reza e ora  
para que o mundo não se acabe agora.  
O mendigo cego, a moça de vestido rosa,  
e o homem que diz “não”, e diz “nãozão!”  
As moças Rosa Wuarda, Lala e Otacília,  
o povo catrumano, a prostituta meiga,  
singelos seres sertanejos por quem ainda  
o “demo” não domina o mundo e o sertão.

Queria o bem de tudo e entre jagunços  
sonhou um amor com a sorte de um segredo  
que só a morte revelou um dia, enfim,  
entre um moço bandido e barranqueiro,  
Rio baldo. E a dor do destino: Diadorim.



***Abril, catorze, vinte e um***

Um menino caminha pela areia  
ali, onde as ondas são espuma.  
É magro, louro, os olhos verdes  
e ele sou eu que o vejo, e ele me acena  
e vai-se embora como alguém ao vento  
pois não está na praia, mas no tempo.

E outros que eu fui de longe me contemplam,  
e alguns sorriem e outros apenas pensam:  
“Quem é este que eu fui, e desconheço?”

Do mar imenso eu nunca tive medo.  
Varei ondas e sonhei faróis e ilhas.  
Subi montanhas e de lá toquei as nuvens.  
Dormi mil noites no escuro das florestas.  
Trilhei caminhos, nomeei estrelas.  
Sonhei ser passarinho e quis voar.  
Morei entre barracas, casas e aviões  
e meia-vida eu vivi em entre-lugares.

Escrevi livros que hoje esqueço.  
Entre seis décadas soletrei em quadros-negros  
algumas palavras que eram aulas, devaneios.  
E os que Carlos, acaso estão aqui, agora,  
entre o espanto, a surpresa e algum desgosto.  
E me olham, me estranham, e eles são tantos.

E eu pergunto ao tempo, e me pergunto:  
“Fui algum deles? Fui todos? Fui nenhum?”  
E então descubro que na vida, a vida inteira  
trilhei apenas os caminhos de meu rosto.  
Abril... catorze... vinte e um.

## **Adélia Prado**

*Também sou filha de Deus, uai.  
Solte os cachorros – 31*

Sobre Cecília um dia disse:  
“Delicada demais para os meus cascos”.  
Sonhou ser profeta, fez-se poeta  
e sem sair de Minas, sonhou o Mundo inteiro.  
Dos homens carregava a pena e a mágoa:  
pensarem tanto e não saberem fazer pão.

Escrevia poemas com pedaços  
do que catava em casa e pela rua.  
Um dia, em Divinópolis conversamos  
entre café quente e pão-de-queijo  
sobre as pescarias do marido  
e o que havia entre o quintal e a escola.

E outro dia, em minha casa segredamos  
teorias sobre o céu e o fim do mundo,  
enquanto em outra roda o seu marido  
falava de caniços, anzóis, e rios e peixes.  
Contei a ela sobre Gioachino da Fiori  
e um certo Apocalipse às avessas  
sem bestas e sem lutas, sem demônios.  
E o “Reinado do Espírito Santo” enfim na Terra  
em um tempo de amor por toda a parte  
e destinado a durar mais que a eternidade.  
Não sei se acreditou, mas fez que sim.  
sorriu sorrateira (ela é mineira)  
e com delicia raspou do prato o bolo.

## ***Sibipiruna***

O que hoje eu semeei na terra  
tem um nome, e ontem choveu.  
A pequena semente cor havaiana  
entre a palma da mão e os meus dedos  
era o silêncio de deus, e era semente.  
E é a vida, e nela a vida oculta pulsa  
e é o que virá a ser quando eu me for  
e a semente que eu fui houver partido.

Sibipiruna é o seu nome. Nome de índio.  
Com a ponta de um dedo cavei na terra.  
Um buraco, um oco no vazio do vaso  
e coloquei ali o grão de meu milagre.  
Outros verão uma alta árvore, em outro tempo,  
seu caule espesso, o verdor das folhas finas  
e as suas flores, pequenos sois de ouro.  
Semeei uma árvore e fui embora.  
Ela brotou. Serei eterno.



**Alik**

*Professora, semeadora e amiga da vida e dos índios*

Por que te procurar, sabedoria  
se és uma e tantas, e te escondes,  
e não há saber ao espelho em que te vejas  
em teu rosto que é um e é nada, e que é mil?  
Estás onde uma mulher na cozinha faz milagres  
enquanto mistura alho e salsa com cebola  
e em alguma língua perdida cantarola  
a canção de amor entre um soldado e a bailarina?  
Estás no silêncio? Na oração? Na poesia?  
Na linha em branco de um poema; na palavra “era”  
de uma carta a tinta, manchada de três lágrimas?

Numa sala-de-aulas estás às quatro horas?  
Estás na mão de um pobre? Estás na areia?  
No Alcorão? No “Diário Secreto” da menina?  
Na estação em Minas, quando do trem um velho salta  
e cem anos depois retorna à casa antiga  
onde a mulher estende no varal a mesma roupa  
que é dele ainda, e ela olha o longe e espera?

Uma mulher chamada Alik teve um filho  
e fez café, e escreveu um livro.  
E numa terra que sobe morro acima  
cavou o chão e plantou um pé de milho.  
Em qual gesto da mulher estavas tu,  
que tens um nome de mulher: Sophia?  
Onde é que estavas, estranha fugitiva?  
Em qual façanha vives que te escondes?

Um menino índio pintou de ocre o rosto  
com suco de amora, cajá-manga e açaí.  
Talvez nele estejas, e é de tarde.  
E te procuram homens que estudam e não semeiam,  
e não sabem que é março e ontem choveu  
e o milho amadurece. E então estás... ali.

*Erina*

Nada sabemos de teu corpo, Erina.  
Como seriam, grega, os teus cabelos  
a cor dos olhos, e com que gestos  
calçavas as sandálias em teus pés.  
Como, suaves, seriam as curvas de teus seios  
que os homens de Telos desejavam.

Bebias vinho? Comias favas? Peixes?  
Alguma veste tua era vermelha?  
Tivestes, como Safo, uma filha?  
Olhavas o mar e pensavas o além das ilhas?

Entre sete ou oito palavras e reticências  
em uma linha restaram os teus poemas.  
O nome de alguém, de algumas flores  
um par de frases com peixes e marujos,  
e jacintas que florem ao pôr-do-sol.  
Palavras soltas, frases sem o começo  
versos deixados em folhas gastas e sem o fim.  
Mas o que restou atravessou milênios,  
e nesta manhã de abril chegou a mim.

## ***Plotino, uma velha, uma vela***

*Tudo no céu inteligível, está em todas partes.  
Qualquer coisa é todas as coisas.  
O Sol é todas as estrelas,  
e cada estrela é todas as estrelas e o Sol*

***Plotino – Eneadas  
(lembrado por Jorge Luís Borges)***

Em algum lugar longe daqui, de tudo,  
uma mulher velha risca um fósforo  
e com a mão que tateia e treme acende a vela.  
E treme agora a luz da vela mais que a velha  
e um dia nasce do milagre deste gesto  
como nas mãos do monge em cada conta  
de um rosário que se aclara em cada prece  
e a um deus chama por um nome em grego  
que num murmúrio cabe, e cabe em um canto.

E a luz da vela da velha acende outras  
e a mulher velha que carrega a vela  
é a própria luz que leva acesa, e é eterna.  
E o que chamamos sol é a luz de cada vela  
e cada uma é a luz de todas elas.



## ***Uma moça indígena na calçada***

Acaso esquecida do chão por onde andava  
a moça índia caminhava na calçada.  
Deveria estar descalça, está calçada  
e os seus pés sonham um chão de barro.  
Os olhos não veem selva, veem prédios,  
uma floresta de argamassa e de orgulho  
de onde fugiram as onças e as araras  
esteiras de palhas, madeiras e alguns vasos,  
e não mais há os seres que existiam outrora  
porque os ritos que entre fumaças os traziam  
silenciaram entre buzinas e algazaras.  
E os sábios de então partiram e viajaram  
ao lugar das almas de mortos renascidos  
em nome de quem ela pinta ainda o corpo  
com traços cor de sangue e cor do acaso.

Pela calçada caminha a moça indígena  
e vai vestida de pano. E o corpo seminu  
de outros tempos sonha o vento, a chuva, o sol  
e a terna mão de alguém... quando? E quem?  
E murmurando sussurros em uma língua antiga  
a moça caminha sozinha na calçada  
e de repente ela sussurra um nome.  
E depois cala. E em silêncio segue, e vai embora.

### ***Copacabana, ondas, uma onda***

Aqui estou, e vejo o que? O quando?  
 Talvez antes que um primeiro ser da vida  
 tenha vindo viver entre essas águas mornas  
 já uma a uma, e em cada uma, essas ondas  
 viajavam no mar e vinham se findar na areia,  
 aqui, onde o seu último alento de água verde  
 molha os dois pés de quem ontem foi menino  
 e nessas ondas brincava de argonauta.  
 E gerações de outros como eu, aqui, agora,  
 na beira do mar na Praia de Copacabana  
 viram outrora as gerações de ondas  
 como esta, e como a outra, e como todas.

Ondas que por um momento se ondeavam  
 como pequenas montanhas de água e sal,  
 e por três minutos eram um veleiro  
 que pelo mar como Ulisses navegavam  
 Fernão de Magalhães, ou o pescador  
 que à noite lançou redes e agora vende peixes  
 no “Posto Seis”, onde Copacabana acaba.  
 E eles se foram, e uma mesma onda agora  
 no mar navega, e sempre, e é outra ainda.  
 E um dia eu me irei, e brilhará a Lua Cheia  
 Que de longe regra o ondular das ondas.  
 Breves e eternas ondas navegantes  
 aqui estarão. Que outro menino as veja  
 e dentro delas navegue o seu veleiro  
 sobre uma única, imorredoura onda  
 que eu vi nascer e que me há de tocar  
 quando aqui na praia um dia eu for areia.

Etéreas como tudo o que é eterno  
 cada onda é todas e todas, uma.  
 E desde a aurora dos tempos ela retorna  
 e outra vez na areia se finda e recomeça.  
 E renascida volta ao mar de sempre.  
 E aqui estava quando aqui era sem nome  
 E aqui estará quando aqui não mais houver  
 Copacabana.



## ***Pai***

Eras suave e triste.  
Silencioso, podias ser um monge  
e mesmo no café, comendo um pão  
parecias junto a nós, tão longe. Tanto,  
como se entre missas, e “em oração”.  
Enquanto trabalhavas fios, madeiras  
era como se um terço desfiasses  
e em latim murmurasses uma prece.  
Tinhas a fé que pelas bordas fui perdendo  
e tua Bíblia envelhece em minha estante.

Tinhas a mente de um raro cientista  
e a vida te fez escriturário.  
Semeavas o bem. Eras amargo  
e parecia, pai, que os dias te eram um fardo  
e cada hora te pesava, e tanto.

Fabricavas rádios e brinquedos,  
e da memória não me sai o monjolo de bambu  
e a pequenina roda-d'água de lata usada  
que um dia, entre o anjo e o carpinteiro,  
destes a um menino em Itatiaia.

Fostes embora para um lar? O céu ou o onde?  
Não sei. E será o lugar que antecedias  
em cada gesto que era teu, meu pai.  
Que os santos a quem oravas noite e dia  
te escutassem e aprendessem sobre Deus  
com quem eras, pai. Com o que fazias.

## ***Um João***

O que não há existe quando é dito,  
e um sertão criastes com palavras.  
Há um professor e um jagunço  
e eles se abraçam, e há um desenho  
do infinito, e as palavras “sarapalha”  
“tutaméia” e “travessia”.

Há um menino, uma vaca e uma moça  
o vaqueiro Siruís e uma boiada  
a mulher prostituta, boa e sábia  
os gerais-sem-fim, e uma varanda  
de onde se olha e se vê tudo e nada.

O São Francisco, O Urucuia, o Rio do Sono  
(Onde uma mulher garimpeira e “meia-praça”  
me falou de amores e de diamantes).  
E o Lizo do Sussuarão, e um catrumano,  
um cego errante, uma ruína e uma estrada.

O “perigoso” do viver, o esquecimento.  
E Miguilim, Joca Ramiro, Manuelzão  
que de longe te chamam entre aboios  
lá de onde uma flor tem o nome: Rosa  
e um rio com três margens que te espera.  
É hora. Embarca na canoa e vai, João.

**Heráclito**

*É sábio que os que ouviram não a mim,  
mas ao logos, reconheçam que todas as  
coisas são um.*

*O fragmento 50*

Só o que é fumaça permanece.  
Num mesmo rio não entro duas vezes  
e somente o que se move existe  
e em mim a mente que me pensa  
é quem além de mim se pensa  
e em mim pensando, me recria.

E eu sou no que agora fui e flui,  
e sei que o fogo que consome o tempo  
é o eterno, é o com que me invento  
entre o fogueira, a brasa e a cinza fria.

Passou ontem por mim o *logos*  
e, como o vento, ele passou  
e foi quem eu fui por um momento.  
Tudo o que há é um, e é sempre,  
e nada do que há existe à toa.  
E a areia que no rio me toca  
sou eu que me toco como areia.  
E o pássaro que no galho canta agora  
é o meu cantar num pássaro que voa.

## **Crusoé**

Sonhei o teu destino, Crusoé.  
A tua sina de náufrago e de argonauta  
e a tua ilha desejei como morada  
entre os quatro horizontes. O mar imenso  
e as palavras que sabias de menino  
e guardavas para conversar ao dia  
com caranguejos, sapos e araras  
e à noite com fantasmas e estrelas.

Sonhando, criança, quem tu eras  
de papel eu construí barcos, icei velas  
e naveguei os mares de Copacabana.  
Sonhei tua livre solidão de prisioneiro  
cercado entre as grades do oceano.  
E então livre, livre como o vento  
que a cada manhã te salga o rosto.

Ao redor do fogo cantavas a ti mesmo  
e só em sonhos bons uma mulher te vinha.  
Entre cabras, um cão, um gato e um papagaio  
criastes longe uma morada, um reino até.  
Senhor da sombra e imperador da areia.

Sonhei meu o teu destino, Crusoé.  
Mas acordei quando no barco que te achara  
voltastes à Inglaterra, ao teu exílio  
e de longe à tua ilha acenavas.

## ***Morte***

Quem és que me vens agora  
nesta manhã do mês de maio  
de um ano que o calendário apaga?  
É ainda a noite. Então porque tão claro  
é este instante em que te busco e acho nada?  
Que vulto és, que tens a cor do vento?  
Que ser? Se te toco e nada encontro,  
e se caminhas, pelo chão não deixas rastro  
e se quando falas eu não te entendo?

Te abro a porta, mas já antes estavas dentro  
da sala em que te acolho, visita estranha,  
que entanto entras como se tua fosse a casa  
e no jardim fossem tuas as rosas e açucenas?  
Te ofereço uma cadeira, não te sentas  
e olhas na parede com agrado  
uma cópia de um quadro de Van Gogh.

O pão que te dou deixas no prato.  
Mas o vinho tinto aceitas e bebes, lenta.  
Não sorris, mas é suave o que me tocas.  
E com o dedo apontas um rumo, um destino,  
uma trilha, um caminho, um horizonte  
a uma viagem sem volta, sem retorno.

Visto o casaco e me armo de bengala.  
Esqueço os óculos, um gato e a minha chave,  
e de leve sussurras: “não importa”.  
Apago no fogão o fogo e te olho, amiga.  
E me tocas o braço e, sereno, eu abro a porta.

## ***Escoteiros***

Com galhos finos da madeira seca  
que os meses frios afiavam no arvoredo  
como os primeiros homens antigos de milênios  
acendíamos fogueiras na clareira da floresta  
em que armávamos de lona as nossas tendas  
e ao redor dela, no “Fogo do Conselho”  
cantávamos a nós, aos bichos e arvoredos.

Com bambus erguíamos cabanas.  
O mundo inteiro cabia nas mochilas.  
Com uma corda fazíamos treze nós  
e sabíamos nos guiar pelas estrelas.  
Com bandeiras e gestos de quem baila  
nos falávamos e também ao mundo e ao vento  
entre palavras bailarinas de silêncio.

Meninos, éramos errantes, e peregrinos  
sete vezes dávamos a volta a um mundo  
sem ir muito além dos matos da Tijuca.  
O desejo de voltar ao primitivo  
e abandonar a cidade pela selva imensa.  
Dormir em barracas, em cavernas  
E sob o vento e, na praia, sobre a areia.

Com três dedos da mão nós nos saudávamos  
com o desejo de fazer o bem a tudo,  
armados de bastões, botas e bússolas  
a procura de um tempo além de agora.  
Em busca de um lugar num fim-do-mundo.

***Andes***

*num dos voos ao Chile*

Mesmo do alto deste voo,  
cordilheira,  
pareces mais alta do que ele  
e, altaneira,  
és como se do mundo um canto  
se alteasse,  
e entre as nuvens  
sonhasse ser estrela.



***Trujillo, 1992***

Daqui, desde onde há oliveiras  
e corvos, e pedras e pastores,  
e ovelhas mansas como no evangelho,  
daqui partiram homens com barbas e espadas.  
E em naus frágeis como tamancos de aldeã  
cruzaram mares de sereias e silêncios  
e, navegantes, chegaram a pé aos Andes

Aqui ficaram mães e noivas semeando aveia,  
e à noite com o rosário frente ao fogo aceso  
pediam a um estranho deus que eles voltassem  
depois de descobrirem um oceano e um mundo.

Aqui, quinhentos anos depois, voltamos do Sul.  
E no que foi por mil anos um convento  
durante seis dias procuramos em três línguas  
decifrar o que foram os desencontros  
entre seres que os mares separavam.

Tantos anos depois, e nós aqui, navegantes  
e náufragos, entre areias de terras às avessas  
em busca não de ouro e nem de glórias,  
pois a nós algumas palavras já eram tanto  
à ilusão de devolver sob o som delas,  
um instante de vida aos que se foram.



## *Um velho*

Vinha de muito longe um velho.  
Era sem um nome que se pronunciasse  
e quem era e de onde veio não lembrava.  
O que tinha de sua valia pouco:  
uma roupa gasta, uma sandália,  
uma bengala, um lenço, uma bruaca,  
aonde guardava o que sobrou de nada.  
Nas mãos trazia sempre umas sementes  
que por onde passava, semeava.  
E então olhava o céu, vinham as nuvens  
e o que na terra punha então brotava.

E onde ele estava de repente ele se ia,  
e o rumo que tomava, quem sabia?  
Mas era verde o lugar onde passava.  
Guardava um segredo. Não falava.  
“O que eu sei, semeio”, e se calava.

Ninguém sabia de onde vinha e onde andava  
o peregrino plantador de campo e mata.  
“Vida”, era o seu nome, e silenciava  
porque o que ela faz, faz em segredo.  
“Vida”, um velho que em silêncio aparecia.  
Um velho que em segredo semeava.

**Maomé**

Conta as estrelas. Reconta! Quantas são?  
E as areias do deserto? E cada grão?  
Quanto mundos ali dentro? Conta!  
Quantos sonhos sonhastes noite adentro?  
E quantas vezes o desejo da mulher  
que te viu e passou, e não esqueces?  
Quantos camelos contas, a caminho  
entre quantas cidades e destinos?  
Quantas fêmeas teve Salomão  
que era sábio e pecava. Quantas vezes?  
Quantos crentes em volta da Kaaba?  
Quantos grãos na vida entre as mãos  
semeou na terra de um outro, o lavrador  
por quem ontem passastes e te fostes  
pensando quantas ovelhas teve Abraão?  
Quantas leis e mandamentos? E o sofrimento?  
Quantas sedes há e quantas fomes? Quantos medos?  
Quantas vezes de prazer gemestes  
sobre o corpo da mulher? É o Paraíso?  
Quantos dias até que a morte venha  
e te leve, e saibas se ele existe ou nada?  
Quantas palavras cabem no Alcorão?  
Quantos nomes a dizer e quantas contas  
de um rosário sem fim, será preciso  
para nomear os cem preceitos de um ser  
cujo rosto não vês, e acreditas?  
Quantos passos deste monte a Meca, até?  
E se podem ser tantos, como os gregos  
porque um deus tão só e triste, Maomé?

***(Sobre o amor solto na rua)***

*Fragmento de um antigo poema  
hoje encontrado na última página  
de um livro de um poeta argentino*

... uma mecha de cabelos castanhos  
caiu sobre a testa, sobre os olhos.  
Com as costas das mãos a mulher  
repõe de novo a ordem da cabeça.  
Num caco de espelho ela olhava  
um pedaço de rosto, e sorria.  
E sorria, a mulher que catava latas de cerveja...

## ***A pandemia***

Passam os dias como se não fossem.  
Como se o que foi ontem fosse agora.  
O calendário com a folha de janeiro  
e hoje é maio. E na parede parado,  
o relógio às seis horas o dia inteiro.  
Como se ficasse aqui quem foi embora  
e a dois metros de ti quem te abraçava.  
Como o ar que é tanto e em todo o canto sobra  
faz falta agora no corpo de quem dorme  
sem saber se é sono, ou se é a morte.  
Os dois amigos proibidos do abraço  
e os amantes entre enlaces eletrônicos  
trocam juras de amor ao telefone.  
E a palavra amor dita em sussurros  
para com ela não se espalhe pela sala  
na gota de saliva, o mal do mundo.  
Sob a máscara é o mesmo o que é diverso  
e o sorriso que se via, se advinha.  
Consola saber que quando nos invade  
para o vírus somos todo um Universo.

## ***A mulher de Heber***

*Bendita seja sobre as mulheres Jael,  
mulher de Heber, o queneu.  
Bendita seja sobre as mulheres  
que vivem em tendas.  
Água pediu, leite lhe deu ela.*

***Bíblia Sagrada – Livro dos Juízes 5, 24 a 26.***

Bendita a que dá leite  
a quem pediu a água  
e oferta o corpo  
a quem pediu a sombra.

Bendita quem de fina lã  
cobre quem de longe veio  
e na porta falou em língua estranha  
e tem frio, e sofre, e sonha.

Bendita a que levanta cedo  
e no fogão aquece o caldo e o tempo.  
E dá a vida por um filho fugitivo.  
Por uma cria de ovelha.  
Por um vizinho velho e mau  
a quem ela oferta um pão de trigo.

Seja ela perene como um deus  
e em silêncio ensine aos machos  
que enquanto os homens com espadas  
se matam por migalhas e despojos  
e o nome escrito na pedra ou em um livro,  
a mulher de Heber ordenha cabras  
e a quem pediu água, oferta o leite.

### ***Consuelo de Paula***

Não por consolo  
canta Consuelo,  
mas com o desvelo  
de quem sabe  
que no cantar  
pode haver algo mais  
do que a melodia  
de um segredo.

E com a voz e a alma  
ela canta: de Paula,  
como quem sabe,  
serena e sábia,  
que no seu canto  
além do encanto  
há um sonoro ensino  
como um menino.  
Como um responso.  
Como uma aula.

### ***Iris do Caminho***

Como se fosses o rosto de uma ave  
floresces em setembro, Iris.  
Como um pássaro pousado sem o voo,  
sem o abrir de asas, sem o ninho.  
Na haste de uma folha estás, como a espada.  
Como a arma que se alteia, e entanto és flor.  
Entre o lilás e o azul do céu acima  
como se um pouco dele em ti pousasse  
e em flor nascesse, Iris do Caminho.  
E quando secas o rosto abaixas sobre a terra  
como a face da mulher que é triste, e chora.  
e a ti te semeias, e ressecas. Porque  
depois é como se a noite fosse a aurora  
e o céu inteiro fosse uma flor que flore.

## *Ânglia, Amahía, Úmbria*

Ânglia, Amahía, Úmbria.  
Lugares da Europa longe  
por onde eu caminhei e tive casas,  
duas com lareiras e uma sem fogos  
entre invernos do Norte e primaveras  
com pão na mesa, e vinho e ventos frios.

Morei em casas, mas eram as trilhas  
e caminhos de terra os meus abrigos.  
Andei entre aldeias, dias, noites.  
E quantas vezes apenas eu andava  
em algum lugar onde corvos e almas  
me espiavam; estranho peregrino.

Diverso dos outros não buscava  
um lugar onde a viagem se findasse.  
Uma era a estrada de Francisco,  
E de outro, Santiago, o Caminho.  
E enquanto andava sentia a companhia  
de outros como eu, de outros tempos:  
andantes, errantes, vagos viajantes  
a procura não do lugar santificado,  
mas de um trecho perdido entre trilhas  
em que a luz de uma estrela ilumine  
não a catedral, mas o destino.

## *Ulisses*

Não fora a cicatriz, Ulisses  
como em Ítaca saber quem eras?  
Náufrago, foras antes um guerreiro  
e Troia ardeu por teu cavalo de madeira.  
Agora estás de volta sem ouro e sem amigos  
e sentas na porta do que foi teu lar,  
e vestido de mendigo mal Penélope te vê  
e te servem um prato com restos do banquete,  
e uma velha serva vem lavar os teus pés.

Este é o teu reino e estás sem nome  
e silencias teu segredo, Ulisses. E a cicatriz  
que de infância te marca o tornozelo,  
senhor dos mares e amante de uma deusa,  
é quem revela quem és e de onde vens.

Somos como és, Ulisses, os que retornam  
de onde foram antes nautas, feiticeiros  
artesãos do fogo e sortilégios  
de senhores, de artes e de artifícios.  
Somos os que sonharam castelos e infinitos,  
e na volta a nós, mendigos do destino  
é algum breve sinal deixado em nosso corpo  
que entre as mãos de alguém que nos acolhe  
revela enfim o segredo de quem fomos.



## ***Briseida, Criseide, filha de Crises***

*Com equidade foi tudo entre os homens Aqueus dividido,  
Tendo tocado a Agamêmnon a jovem danosa, Criseide.  
Crises então, sacerdote de Apolo, flecheiro infalível,  
Veio até às céleres naus dos Acaios, de bronze vestidos  
Súplice, a filha reaver. Infinito resgate trazia.  
Homero – Iliada – Canto 1*

Lembram, Helena de Tróia; o roubo de Páris  
por quem por dez anos houve a guerra  
e morreram mil vezes mil homens e cavalos,  
e mais do que o sol uma cidade ardeu cem dias  
e as areias a cobriram. Uma mulher grega, bela.  
Mas eras tu, pequenina serva de Apolo  
o deus da música, arqueiro do fogo,  
vestida de branco sempre, como a sombra,  
silenciosa Criseide, Briseida, os teus nomes,  
o teu rosto, e o que mais era teu e servia a um deus  
quem acendeu a fúria que entre os homens  
retardou na praia em Troia uma guerra já tardia  
e fez que entre setas e pragas morressem tantos?

Era o teu corpo, entre a moça e a mulher?  
A curva de teus seios? Teus pés? Uma sandália?  
O voltar dos panos que mal te cobriam a pele?  
Ou o teu nome que sugere o vento, a brisa  
que aos gregos faltou, e foi de outra a morte?

Matam-se os homens. Morrem sobre a areia.  
E mil anos mais tarde são temas de arqueólogos  
em busca dos restos do que chamam história.  
E ficam, sábias, as mulheres: Briseida, Helena,  
a quem esquece a história dos guerreiros.  
Mas não a memória do lembrar da poesia.

## ***A mulher***

Com os sete dentes que me sobram  
o que eu comi catei no lixo agora:  
um meio pão mofado, sem manteiga,  
o resto de um bolo de uma festa  
um luar da lua, um som de serenata  
uma tigela de barro, e dentro dela  
o molho do que foi um frango, um dia.  
De um saco de papel raspei com a mão  
um punhado sem gosto de farofa  
que atirei ao vento, e foi embora.

A boca suja eu limpei das sobras  
num pano velho de cor azul-celeste,  
e imaginei o lugar de onde eu vim  
quanto eu era Maria, e era menina.  
Num caco de espelho eu me vi velha,  
mas sorri e pensei: “é ainda a vida”,  
e vida, um certo dia me ensinaram:  
“é um poço sem a borda e sem o fundo”.  
Gostei de ouvir longe a voz de um sino  
E me lembrei de missas e novenas.  
Alguém passou de moto e gritou: “puta!”  
Eu que sou virgem, e sábia, e santa,  
e desci do céu para salvar o mundo.

## ***Sidarta***

Belos eram e suaves os pés da moça  
que passou por aqui com um jarro de água.  
Mas eu fechei os olhos, e com o corpo imóvel  
assentei como um lótus na sombra desta árvore.  
Aqui sentado, como se uma planta fosse,  
espero que sem passar a nuvem passe  
e sem cessar de chover a chuva acabe.

Que aberta na manhã não seque nunca  
a flor que mão algum acaso colha.  
Que a ave que voava, voe imóvel  
e peregrina e passageira, seja o sempre.  
Que seja a eternidade o que foi tempo  
e caiba nas sete letras da palavra “Om”.

Espero o além da paz. As suas letras eu soletro.  
Que a cada dia uma tigela de arroz me baste.  
e que uma tarde eu parta antes que a cor laranja  
deste pano que me cobre ganhe a cor do nada,  
e que eu nada seja, e nada sendo, seja eterno.

Deixaram no chão os pés da moça uma pegada  
e ela se foi, e está aqui, e de novo passa e passa  
e assim será até quando tudo se consuma.  
Que a borboleta e o sapo sejam um deus  
pois como a moça que passou eles revivem.  
e sendo a Vida são de tudo o todo, e a corrente  
do ser eles são. E como eu, sendo o que flui  
estão na mesma roda do ser de tudo o que existe  
entre o passar dos pés da moça e a minha mente.

**Humberto Maturana**

*No dia em que eu soube de sua morte.*

Existe o amor, ou existe apenas isto: o nome com que se diz “amor”? E os gregos sobre ele escreveram quatro nomes: *eros, phillia, ágape e caritas*. E o amor é um nome que quando é dito existe? E onde estará o ser do haver do amor entre a vida, a poesia e o dicionário? Existe? E onde mora para ser, o amor? Terá um rosto? Um documento de identidade? Existe o amor no elo de onde vela a vida entre a sede do corpo e o ar da alma?

Na mente de quem pensa o amor, e ele se mente porque só está no que se diz? No que se sente? Ou o amor é no circo o equilibrista sobre a corda e que sob luzes e espantos caminha entre a moça que ao jovem diz “eu amo”, e à noite espera e chora, porque o moço que ama existe em sonhos, e a cada manhã se desvanece quando a moça acorda e arruma a cama?

O amor existe. Maturana, armado de ciência buscou não no seu nome, mas na matéria, no corpo, na carne viva onde estão a mente e o sentimento. E descobriu ali o lar do amor que mais do que um nome, uma escritura é o ser da vida de quem vive... e ama.

## ***Peregrino***

Que o fogo não apague,  
a noite é fria  
e um nevoeiro manso  
cobriu de branco  
o rosto das estrelas.  
Comi um naco de pão  
tomei meu vinho  
e agora eu canto,  
e estou aqui, sozinho.

De onde eu venho  
não importa.  
Eu sei que é longe  
e o longe é só  
o adeus de um amigo.  
Se um deus existe  
que ele me encontre  
e caminhe comigo.  
Eu o guio.

Não tenho nome.  
Chamai-me “Peregrino”.  
Para onde eu vou  
alguns chamam Santiago.  
Eu chamo acaso.  
Chamo destino.

## ***Rosa dos Ventos***

De longe, ao alto  
sob um céu de estrelas  
com as luzes da casa acesas,  
ela parece uma astronave  
que a qualquer momento  
decolasse rumo a Órion.

Mas é uma casa com varandas  
e há algumas redes penduradas,  
alguns quadros com pássaros bordados  
entre as cores das paredes,  
livros entre estantes e em banheiros  
e panelas de ferro e de barro.

Há outras casas, pequena vila  
no monte semeada, como um jardim  
como um pomar, como uma horta  
que de uma flor tomou o nome: Rosa.  
Há seis cachorros e três gatos  
e na floresta, seriemas e macacos  
e alguns pés de ipê e alguns pinheiros.  
Há pessoas que chegam de viagem.  
Alguns, de longe, de outras Minas,  
e entram. O lugar não tem porteira  
ou se tem, a fechadura enferrujada  
perdeu a chave há mais de trinta anos.  
E a casa acolhe com abraços e sorrisos  
quem chegou de onde veio  
e pede o aconchego de um abrigo.

Dentro da sala há uma lareira.  
Que seja acesa e ao redor se cante  
o que cantavam Dércio e João Bá.  
Os que vieram e um dia foram embora  
Não foram. Não partiram e estão lá  
e lá ficaram depois da despedida.  
Pois algo de suas almas, de suas auras  
aqui fez ninho e voa como as aves.  
como o vento, como a chuva  
como as árvores. E como a vida.

**O abraço**

*dias de pandemia e isolamento*

De longe, amigo, amiga  
desde a janela eu te vejo,  
e vejo o teu rosto  
nesta manhã de sol  
que de longe nos abriga  
Distante eu te vejo na janela  
e sei que de lá me vês:  
Um ser? Um quem?  
Um rosto? Um corpo?  
Um vulto? Um alguém?  
Ou, quem sabe? E por que?  
Uma figura acaso  
pintada em uma tela,  
e à espera de quem?  
De quando e do quê?

Uma miragem lá, agora,  
e ao longe... e tão perto?  
Um rabisco na paisagem  
Um mero breve traço  
como a ave que ao vento voa  
e no vento vai embora.  
Não sei como de lá me vês  
se é que me vês de lá  
de repente... e ao acaso.

Mas de uma coisa,  
eu sei, amiga, amigo  
que de longe eu vejo:  
tenho saudades de ti  
que mal conheço  
e que longe, está aqui,  
e de longe está comigo.

E se longe eu te aceno  
de perto, no meu afeto,  
amigo, amiga,  
eu te abraço.  
Eu te abraço!

## *Zen*

Onde está a onda  
que ondeava aqui?  
E o mar onde ela ondeia  
acaso é um sonho ou o oceano?  
E a chuva que caiu da nuvem  
é ainda a nuvem de onde veio  
e, caída na terra volta à nuvem  
e de novo chove? E é sempre?

E a letra “v” desta palavra  
é a letra que agora você vê?  
E você que me lê? Você me lê?  
E é gente que lê, e para é pensa  
como um alguém que lê e sente?

Ou é só um breve sentimento  
que por um momento sente  
e ao sentir você, você inventa?  
Um ser sentido que se sente  
ou um sentente que apenas pensa  
e existe no que pensa e sente?  
Ou somos só o sonho de um outro  
que sonhava. E quando acorda  
lembra, e pensa no que sente?





**No “Posto Seis”, Copacabana**

Espero que não venha a noite.  
Espero a pausa amena desta tarde,  
o sol de maio imóvel no horizonte  
e a “estrela Vênus” no céu às cinco horas.  
Espero o voo interrompido de um pardal  
e um ar sem vento, essa demora  
eu espero. E a onda onde ontem eu vogava  
ali no meio do meu mar, parada.

Espero a volta do tempo, a outra era  
em que eu fui quem fora, e agora  
sentado aqui ao lado da bengala  
na orla da beira da praia e da poesia  
Murmuro nomes: “Drummond”, “Copacabana”  
“Pedro Nava”, “Sabino”, um arrastão de pesca  
no “fim-da-praia”, aqui no “Posto Seis”.  
E a presença de quem em outro tempo  
me levava pela mão... e foi embora.

## ***Popayan***

As iguais casas brancas pelas ruas  
alinhadas sobre o fim dos Andes.  
Cidade branca, vestida como noiva,  
o que recordas, velha Popayan,  
quando aqui, entre esses altos ermos  
havia o trovão, o índio e o puma?

Agora, enquanto amanheces em espanhol,  
de roupa negra, alguns bordados, um chapéu  
pelas tuas ruas índios caminham, como estranhos  
como seres de outro mundo, de outras eras,  
que os turistas entre sorrisos fotografam.

Um terremoto te cobriu de escombros,  
cidade onde em outros tempos, outras línguas  
tambores e flautas criavam hortas e aldeias  
e podiam deter as tempestades.  
A cada dia te ameaça o tremer da terra  
mas és agora a paz efêmera, Popayan.  
Até quando? Saberão os adivinhos  
que aos deuses consultam e à matéria  
de um lugar no fundo de teu corpo  
que te ameaça quando acorda e dança?

Dorme agora, Popayan, cidade branca.  
Que como um quarto secreto de uma moça  
te seja este fim de tarde em junho.  
Que te velem os deuses-índios que te deram  
o nome, e a serena paz de uma outra noite.

***O nada? o sempre?***

Quando pensou  
que era tudo o escuro  
e que depois do negro  
nada, nada havia  
e isso era, após a noite  
alguma paz, enfim,  
ele viu longe ao lado  
do horizonte além  
um pequenino ponto,  
um ínfimo quase nada.  
Um sol como uma estrela  
que depois de finda se acendia  
menor do que a vela ao fim da luz.  
No meio da noite ele entrevia  
algo como se fosse ao longe  
o nascer de um outro dia.  
E assim...

***“Isto”***

Escrevo isto  
e a palavra “isto”  
de meu pensamento,  
passou. E ela foi  
isto somente  
que eu pensei  
por um momento.

Existe o mundo  
que eu vejo?  
Ele existe mesmo?  
e se vejo o mundo  
eu vejo o que?  
Se o olho que vê o mundo  
é o mundo que o olho vê?

### ***Quem passou?***

Sou de onde eu venho.  
E de onde eu venho eu esqueci.  
Foram tantos os dias, os caminhos  
e os riscos a cor azul no calendário  
que se aqui cheguei... cheguei aqui?

Minha sombra é como eu, errante  
e não deixou por aí sinal algum.  
Quem sou eu? Alguém que passa.  
E o meu nome é todos, e é nenhum.

A minha casa é a que adiante existe  
por onde eu passo. Rego o jardim  
varro algumas folhas, vejo se há cartas  
e sigo em frente. E é sempre assim.

A comida que como é a que me dão.  
E se não sei meu rumo pergunto ao vento.  
Peregrino, eu não vou a parte alguma  
pois viajar é andar de um nome a outro  
estar entre a mão que abraça e a que doa  
espalhar sementes e esquecer os frutos  
Perguntar aos passarinhos o destino  
e navegar o mar e o ardor do afeto  
entre uma pessoa e outra. E ainda outra.



***A Abadia de Samos***

*um pouso no Caminho de Santiago*

É fria esta manhã, tão fria.  
E o café-com pão e o cantar dos monges  
é tudo o que há, tudo o que havia.  
O que nunca acaba aqui nesta abadia  
de novo recomeça a cada hora  
sete vezes de novo, a cada dia.  
O cantar dos monges aqui em Samos  
e o ser a mesma, a sempre melodia.

E ela pergunta às pombas que esvoaçam,  
aos peregrinos que como eu pousam e passam  
e também às pedras que sonham a eternidade:  
“Se cantamos como agora a cada século  
o mesmo canto, a mesma salmodia  
faremos renascer a cada era  
o Deus que sem nós, existiria?”

### ***Janelas, alturas***

O meu pequeno mundo  
eu aprendi a ver de alturas.  
Onde em Copacabana eu morava  
da área da cozinha eu via os longes  
como se no Nepal eu estivesse  
e do alto visse embaixo, a nuvem.  
O seu branco passar, sua nervura  
que o vento empurra e depois esfuma.

Sobre dura rocha o meu avô paulista  
construiu na pedra um edifício.  
Ali nasci, e do alto “primeiro andar”  
entre as alturas de alguns palmos, infinitos  
eu olhava dos céus as ruas e a vida  
do que era então Copacabana.

Subi montanhas, escalei paredes  
e do alto das Agulhas Negras  
pensei como Colombo, o navegante:  
“o mundo existe, e é muito pouco!”  
Durante oito dezenas de mil anos  
a janela “A” dos aviões da VASP  
me foram como um quarto ou escritório.  
E enquanto os outros dormiam ou navegavam  
entre aparatos de metal e de mentiras  
eu, um menino do acaso, deslumbrado  
abrigava no alto andar do olhar da alma  
o efêmero Van Gogh que há nas nuvens  
e o Da Vinci de um voo por entre as aves.

Agora a dois anos preso e recolhido  
entre as trilhas e segredos de uma casa  
sentado aqui escrevo isto agora  
enquanto sonho aves, nuvens, florestas,  
um peregrino, um rumo, uma escalada.  
Sonho viagens e alturas, sonho estradas  
E em sonho eu viajo. E estou “lá”

### ***Inhangá, Itatiaia, Copacabana***

Estamos sempre entre palavras  
e mesmo em sonhos enquanto durmo  
elas escapam do abecedário e me acordam.  
Entre elas somos e nos perdemos  
e não sei se o silêncio dos monges  
depois da palavra “Buda” e da sílaba “Om”  
é algo como a paz, ou como a morte.

Sonho palavras de índio que não sei:  
“Inhangá”, “Itatiaia”, “Itapira”,  
“Camanducaia”, Copacabana”.  
Palavras do pergaminho da memória  
que eu murmuro como prece, como mantra.  
Como aquelas que pronuncia o feiticeiro  
enquanto sobre o fogo aceso atira  
um pouco de saliva, uma raiz amarga  
a pena de uma ave e um nome antigo,  
para que uma única palavra esquecida  
por entre o fogo da fumaça acorde e diga.  
E fale a ele não o segredo que há em tudo  
mas o nome da mulher que um dia amou  
e que como a fumaça que se esvai  
apagou o seu nome, e foi embora.

## *Indalicia*

Cantava Violeta Parra com voz triste  
e do Chile falava como o Céu.  
Tímida, não bailava “cuêca”  
e em nossa casa chegava de manhã  
como quem vinha do Sul, ou da esquina.  
Casou com o amigo e o violão  
e com eles viveu, e duetava.  
Era de antes, de outras eras  
e já “señora” no forno assava  
“empanadas” chilenas na cozinha  
com ares travessos de menina.

Não teve filhos, tinha sonhos.  
Morreu cedo, e de repente  
agora, às vezes me visita,  
suave e silente como a neve,  
ou como a noite fria de Temuco  
por onde ela vagueia noite afora  
dizendo alto poemas de Neruda.





### *Como um dezembro em Santiago*

Como num dezembro em Santiago  
pela porta dos fundos chega a aurora.  
E não como a imagem prateada da menina  
vestida de branco e com brinquedos na sacola  
mas como uma velhinha, anciã e enevoadada.  
Ela arrasta as chinelas e chega de bengala  
como certas manhãs da Galícia amada  
vestida de neblina, silêncio e chuva fina.

Não há os sabiás de Minas, e um cuco pia  
como um relógio de madeira alpina  
por onde andei entre neves e procuras.  
O sol está na Argélia e não aqui. E agora  
é como Mia Couto escrevendo sobre o Nortes  
e povos de capas de lã e língua estranha  
entre fogões acesos, cheiros de cebola  
restos de vinho, avelãs, maçãs maduras.

Um esquimó que batesse à porta  
não seria estranho nessa hora mansa  
em que acendemos velas às sete-e-meia.  
Chega a manhã com ares de sol posto  
e eu entendo que como entre os homens  
também tempo se busca e se tateia.  
E ora a manhã vem como o sol nos braços,  
Ora cobre de névoa o corpo e o rosto  
e desaprende de acender sua candeia.

***Não chames lenda***

Não chames lenda ao que é lenda.  
Tens acaso a chave do segredo?  
Decifras as palavras de Drummond?  
Quando escreves, é algo que se entenda?  
E conheces letras de Deus em aramaico  
E as “belas palavras” com que em transe canta ao  
fim-da-tarde um índio Guarani,  
quando chama quem não ouves e não vês?

Se alguém disse isso, “isto” existe  
e um anjo assiste quem por ele chama.  
Ao redor do fogo aceso um velho antigo  
entoa um mito, e o ser do mito vive  
enquanto ele diz o seu nome agora.

A noite cai, o velho cala e agora dormes.  
Amanhã irás em frente, e assim é sempre.  
E se a lugar algum o teu caminho chega  
é o teu caminho o lugar que buscas adiante.  
E o amor da moça que sonhas esquecer  
é o que te faz viver, porque não esqueces.  
E a mulher que não te quis, se ainda dói  
é a que em ti te ama, e te acompanha.

***O passar do vento. O vento***

Que não te assombre  
o som do sofrimento.  
Se na curva do caminho  
acaso ele te espreita,  
senta com ele na sombra  
e parte o pão, e bebe o vinho.  
Dá a ele teu o teu bastão e o tempo  
E com ele, segue. Segue em frente.

Chama alento ao que sofres,  
e ao sofrimento  
relembra o que desvelas  
quando te encontras  
e quando sentes, peregrino,  
na volta da estrada  
o vagar das horas, lento.  
E o passar do vento. O vento.

***Vestida de branco se vestia***

Vestida de branco de vestia;  
De branco vestida e era negra.  
De branco vestida, algumas flores  
brancas entre as mãos  
ela levava. E uma vela  
acendeu. E então cantava  
em língua estranha: Iorubá.  
Nas ondas do mar jogou  
as flores que levava.  
E os turistas na praia  
se banhavam. E só ela viu  
que do mar vinha, negra  
e iluminada, Iemanjá.

## **Como**

Como vem quem ninguém espera aquele dia.  
Como a criança que aprende a falar antes da hora.  
Como o bêbado que enquanto cai canta às estrelas  
e com deus conversa quando dorme.  
Como a palavra “já” num livro de alquimia.  
Como o que desenha na areia a onda que se acaba.  
Como a flor que apressa no inverno a primavera.  
Como a visita que aparece antes da festa.

Como o bordado entre as mãos da tecelã.  
Como a gota d’água pingando sobre a pia.  
Como a resposta que responde sem pergunta.  
Como a palavra “sim” da moça que se casa  
e o silêncio da irmã que espera ainda.  
Como em Goiás o voo de uma arara.  
Como o pintor que pinta e apaga a tela.  
Como um anteontem com cara de amanhã.  
Como a menina que sonha quando acorda.  
Como antes da nuvem escura a clara chuva.  
Como quem não esquece e da janela espia.

Como quem acha na rua a joia rara.  
Como que já houve e revive, e se revela,  
a poesia é o que desperta quem não dorme  
e é a peregrina que chegou e ainda caminha  
e o homem sábio que cala o que ele inventa.

Como frente ao quadro-negro a professora  
relembra quando aprendeu o “a-bê-cê”.  
Como retece o bordado a bordadeira  
e contempla o que bordou e apaga a vela  
a poesia carda a nuvem e borda o vento  
e mata a fome do que é aura e é alma.

Ela chega sem falar, e no silêncio se trama  
Como quem chega se cala e escuta o som  
do que foi silêncio e agora é a fala  
que ela tinge e tece como quem ensaia  
o bordado do eterno de um momento.

Fora do tempo, a poesia é sempre agora  
como a folha branca em que eu embaixo assino  
o que imagino ser meu este poema  
que ela escreveu e calou, e abriu a porta.  
E, peregrina, em silêncio foi embora.



***Rosas cor-de-rosa***

As rosas cor-de-rosa  
eram rosas e eram belas  
em serem apenas na cor rosa  
a clara cor de cada uma delas.  
E à noite, no jardim, o vê-las  
é como olhar para as estrelas  
que no céu parecem rosas  
cor-de-rosa, brancas e amarelas,  
quando no escuro do jardim do céu  
como as rosas florescem as estrelas.

E o suave desejo de sua clara cor  
entre palmas mãos desejo tê-las  
e com o rosto tocar o seu perfume  
e depois soltá-las, rosas, como velas  
que à brisa da manhã como no mar  
(o mar que foi meu quando criança)  
leve como nave entre ilhas e estrelas  
pétalas cor-de-rosa de rosas tão efêmeras  
como a onda que na praia se desmancha  
e deixa o risco de si-mesma sobre a areia.  
Como a manhã apaga a luz da estrela  
e a noite de rosas cor-de-rosa se clareia.

## Gente de Casa

### **Como se**

*para Maria Alice*

Talvez porque a tarde de junho fosse como sempre,  
mas uma certa coloração, de resto, bem usual,  
entre o laranja, o lilás e o vermelho claro  
desse ao crepúsculo alguns acentos de almanaque,  
ou talvez porque inadvertidamente então  
o canto de alguns pássaros tidos como extintos  
soletrou de repente e ao puro acaso notas de música  
que os ouvidos juram haver esquecido,  
talvez apenas porque o julgamento dos mortos  
sobre os gestos ruins e bons dos vivos  
pareceu por um momento adiado para outubro.

Talvez porque... bem, porque é tarde  
e o canto das aves e aquela inaprendida sensação  
de que é possível arrancar flores do jardim  
sem o juízo implacável dos avós,  
então, entre beiras dos campos, aqui em Goiás  
tomei as suas mãos, amada minha,  
e vinte e dois anos depois de um dia em julho  
eu as beijei com o olhar travesso e amoroso  
do menino que fui há muito tempo,  
e que eu pensei haver morrido não sei quando.



## *André*

Acordei com almas de coruja  
em manhã de chuva no arvoredado  
e olhar de boi em pasto de janeiro.  
Queria o resto da sobra do almanaque  
e um doutor em piruetas, em murmúrios.  
Queria desentender de geografia  
e dos livros de regras de gramática  
onde todos os verbos são gerúndios.  
Queria mesmo é falar de coisa alguma  
numa roda de meninos e mendigos  
de velhos de casaca e saltimbancos,  
os que desenham com o ouro das abelhas.

Eu sonhava suspiros de princesa  
por um príncipe que uma tarde virou sapo  
em um mundo todo cheio de domingos  
e um dia de natal em cada mês.  
Queria filmes sem nome, só imagem  
como um dia eu sonhei e foi assim,  
e acordei jardineiro e bailarina  
equilibrista em corda de arco-íris  
e inventor de lendas de andorinhas.  
Sonhei que eu era um sonho que sonhava  
e me achei entre mago e maravilha  
semeando um céu de araras e de estrelas  
no fundo dos quintais onde há crianças.  
Me vesti de anjo e de andarilho.  
Desandei vida, cresci pulando muros  
escalei montes onde não havia a morte  
e aprendi a andar fora do trilho.



***A lenda da noite escura***

*poema de Luciana*

Um rio feito de sangue  
descia por  
morros e ruas,  
surpreendendo o  
mar, que o azul  
então, distraia.

Da Cor que antecede o luto,  
eram as ondas que traziam  
as oferendas que minha mãe,  
de tão triste, devolvia.

Tingido pelo suor dos negros  
que a terra há tempos transpira,  
O dia fez-se noite, sem estrelas, nem magia.  
Porque negra era a cor da morte  
na cidade da alegria

***Rio de Janeiro - 2017***

**Carlos**

Os cabelos que ficaram, escasseiam.  
Foram da cor do sol. São cor de nuvem,  
e os olhos cor do mar sonham com o mar  
que já foi meu e agora longe, mal se ondeia  
na praia de mim-mesmo em que adormeço.

Fui viajero a vida inteira. Entre estradas  
caminhei, e entre estrelas vaguei trilhas  
por caminhos de Assis e de Santiago.  
Peregrinei promessas, travessuras  
Subi montanhas, conversei com araras  
e hoje andar por minha rua é uma aventura.

Nunca fui à Índia e nem à Grécia,  
e me bastaram Goiás e o Sul de Minas.  
Jantei com camponeses, a melhor gente,  
e orei novenas com foliões de “Santos Reis”.  
Escrevi livros e os seus nomes eu esqueço.  
Mas não os poemas como este, agora,  
e os escritos que fiz para crianças  
(meus traços de ternura, meu afago)  
em busca de quem fui quando era anjo.  
Fragmentos de palavras e o inventário  
que com giz no quadro escrevo... e logo apago.

